



● LÍNGUA

# ACONTECIMENTO DISCURSIVO E ENUNCIADO: DISPOSITIVO DE ANÁLISE DO TEXTO SINCRÉTICO NO ENSINO

---

**Jocnilson Ribeiro dos Santos\***  
**Vanice Maria Oliveira Sargentini\*\***

*Resumo:* Este artigo é fruto de investigações acerca da relação entre linguagem verbal e não verbal em exames nacionais sob o prisma da teoria da Análise do Discurso de filiação francesa. O objetivo geral deste trabalho é discutir sobre a pertinência dos conceitos *acontecimento discursivo* e *enunciado* propostos por Michel Foucault (2008) avaliando sua contribuição para os estudos de linguagem multimodal no interior dos estudos discursivos, além de situarmos nossos estudos da materialidade linguística e sincrética a partir da noção de discurso, memória discursiva e interdiscurso conforme nos apresenta Courtine (2006; 2009).

*Palavras-chave:* acontecimento discursivo; enunciado; multimodalidade.

## ANÁLISE DO DISCURSO: A EMERGÊNCIA DE NOVOS CONCEITOS

*Só há mundo onde há linguagem.*  
(M. Heidegger)

■ **A**o longo desses 40 anos de desenvolvimento da análise do discurso (AD) – tendo, pois, a *Análise automática do discurso* (AAD, 1969) como obra que inaugura essa teoria proposta por Michel Pêcheux na França – vá-

---

\* Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

\*\* Mestre e doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Araraquara) e pós-doutorado pela Paris 3 – Sorbonne Nouvelle, Professora associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição.

rios deslocamentos teóricos em seu campo epistemológico puderam ser observados. Isso possibilitou aos pesquisadores de linguagem conceberem o discurso como objeto de análise, cuja atenção se voltava a grandes *corpora* de discursos políticos (PÊCHEUX, 1997). A AD nasce, portanto, de uma necessidade de se fazer uma leitura não subjetiva dos textos políticos via dispositivo informatizado como forma de operar as possibilidades de estudos da construção de sentido em que a língua é tomada como meio, produto e lugar de manifestação de poder e relações histórico-sociais, e não como meio de comunicação em que o sentido se dá pela evidência conforme crença de estudiosos de ciências humanas.

Se os estudos das problemáticas relativas ao discurso político eram centrais na emergência dessa nova teoria naquela época, em momentos seguintes, outros tipos de discurso passam a ser objeto de preocupação e análise dos pesquisadores, e isso possibilitou à AD rever sua teoria, deslocar conceitos, pensar sobre outros objetos além da língua, “quebrar os espelhos” (PÊCHEUX, 2009).

O discurso é concebido, na perspectiva pechetiana, como o lugar teórico em que se encontram as questões sobre língua, sujeito e história (MALDIDIER, 2003) e a articulação entre esses três elementos corresponde à fundação da teoria. Era preciso, portanto, construir um dispositivo teórico-metodológico que possibilitasse ler/interpretar os textos políticos e desvendar a ideologia contida no interior da materialidade linguística em que tais discursos eram apresentados. Eis um projeto que, ao longo do desenvolvimento teórico da AD (até por volta de 1983), tomou outras perspectivas, avançou para novos horizontes dos estudos sobre a leitura, os modos de interpretação, o sentido. Logo, a história – bem como a memória, o interdiscurso e o acontecimento – adquiriu um lugar importante como um dos conceitos centrais na constituição dessa teoria. Pensar a ordem do discurso para a constituição dos sentidos deveria levar em conta o acontecimento discursivo, e essa noção é muito cara aos analistas porque joga por terra a ideia de que os sentidos dos enunciados já estão postos na língua, já são constitutivos do signo linguístico, cabendo ao sujeito apenas mobilizá-los como uma “prótese” para ser encaixada às suas ideias.

Por sua vez, viram-se, ao longo do desenvolvimento da teoria do discurso, diferentes filiações teóricas em razão de outras perspectivas de análises, metodologias e formas de apropriação do texto tanto no Brasil quanto na Europa, particularmente em universidades francesas. Logo, o lugar e o contexto sócio-histórico também são fatores importantes que provocaram tal diferenciação. Contudo, o sentido do texto como produto da discursividade permanece de certo modo sendo de interesses da AD, seja de orientação anglo-saxã, seja de francesa, além de estudos semióticos ou semiológicos que também se interessam pelo texto como unidade de sentido conforme já destacamos. Como destaca Sargentini (1999, p. 43), “estudos atuais em Análise do Discurso não estão compreendidos em um único modelo de análise; pode-se dizer que há várias Análises do Discurso que se diversificam em função dos momentos e dos lugares de enunciação em que se inscreve o discurso a ser analisado”.

Percebemos, portanto, que esses estudos vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de compreender o funcionamento de diferentes materialidades, o que, de fato, colaborou com uma dupla contribuição para as novas pesquisas. Se, de um lado, tanto na França quanto no Brasil, passou-se a estudar novas modalidades de textos, possibilitando que as pesquisas deslocassem alguns conceitos (comuns aos estudos do discurso político) para estudar outros discursos como

o religioso, o pedagógico, o jurídico ou o científico, por exemplo; de outro, tais estudos ajudaram na reelaboração da teoria apropriando-se de conceitos já formulados em outros campos do saber ou formulando-os, a fim de que pudessem dar conta das análises. Tal avanço se deve também à emergência de materialidades diferentes das recorrentes nas décadas de 1960 e 1970. Hoje, a internet e os recursos midiáticos e tecnológicos cada vez mais desenvolvidos – para elaboração, tratamento, produção e circulação de textos em seus diversos modos de difusão (verbal, imagética e sincrética) – dinamizam as formas de apropriação dos discursos, bem como a constituição dos sentidos desses textos, exigindo uma nova ordem do olhar para essas discursividades.

Eis por que Sargentini (1999, p. 44-45), após refletir sobre o desenvolvimento histórico da AD, concluiu há dez anos:

*[...] na Análise do Discurso, o enfoque de análise a que é submetido o discurso é condicionado pelos interesses do analista, porém neste momento de desenvolvimento da teoria discursiva as análises já não se desenvolvem em uma ilha, pois não raramente fazem apelo a outros enfoques. O discurso não pode jamais ser considerado objeto de estudo de uma única disciplina e a Análise do Discurso, ao investigá-lo, deve necessariamente colocar-se como uma disciplina fronteiriça.*

Hoje nos perguntamos: quais contribuições são possíveis para analisarmos os discursos e compreendermos os efeitos de sentidos produzidos num momento e lugar em que a heterogeneidade dos enunciados é muito mais evidente (dadas as questões do sincretismo da materialidade) e, ao mesmo tempo, tais enunciados aparecem perceptivelmente fluidos em consequência de uma nova ordem do dizer e do mostrar, ou melhor, do enunciar? É claro que, para responder a essa questão, precisaremos de muitas pesquisas e reflexões; muitas delas já vêm sendo feitas em diferentes perspectivas teóricas (estudos semióticos, reflexões que se pautam por conceitos bakhtinianos, outras no referencial teórico da AD derivada de Pêcheux, entre outros) que têm por objeto o estudo do discurso.

A análise de qualquer texto (seja ele verbal, não verbal ou sincrético) nunca deve ser feita tomando-o como completo, cujo sentido único e evidente está inscrito nessa completude. Não obstante, as questões de linguagens em livros didáticos, provas, exames seletivos e/ou avaliativos geralmente, às quais temos acesso, são elaboradas a partir de um formato muito semelhante, isto é, um texto ou um conjunto de textos, um comando teórico-metodológico que orienta o candidato e cinco alternativas (A, B, C, D e E), cuja resposta “verdadeira” ou “falsa” deve ser destacada pelo candidato, como se houvesse, nesse formato, um sentido autorizado pelo conhecimento científico/escolar como “certo” ou como “errado”. Pensando em exames como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em particular, levantamos a seguinte hipótese: em se tratando de uma prova de avaliação de âmbito nacional, que tem os mesmos objetivos, as questões precisam ser fechadas dentro desse modelo a fim de que todos os alunos/candidatos tenham a mesma oportunidade de resposta, já que partem do pressuposto de que tiveram o mesmo acesso aos conhecimentos curriculares evidentes no Ensino Médio. Daí surge um questionamento por ora pertinente: qual o risco de se exigir uma interpretação ou interpretações fechando uma questão dentro desse formato, em que o sentido estabelecido entre o sujeito e o texto já está posto numa única óptica?

## APORTE TEÓRICO PARA UMA LEITURA DO ENUNCIADO SINCRÉTICO

### *Foucault: acontecimento discursivo e enunciado*

Em *A arqueologia do saber*, Michel Foucault (2008), tendo como objeto de sua análise o discurso, propõe o método arqueológico que permitirá colocar em posição central a relação entre as práticas discursivas e a produção histórica dos sentidos. Sua concepção de discurso está fundada não numa perspectiva linguística ou logicista, cuja frase, proposição ou *speech act* podem servir de modelo de análise das práticas discursivas, mas está relacionada à noção de acontecimento discursivo, cujo enunciado o é constitutivo. O filósofo, por sua vez, não desconsidera a língua para a materialização de enunciados, pois ela “constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos” (FOUCAULT, 2008, p. 30). Todavia, o enunciado é muito mais que uma frase ou uma proposição, “é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2008, p. 31). É sobre esse ponto que Gregolin (2004, p. 29), fazendo uma leitura do conceito foucaultiano, admite: “todo enunciado liga-se a uma memória, e assim não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não ritualize outros enunciados”. Para ela, o enunciado institui “um *campo de atualização*, que permite a sua constância, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações” (GREGOLIN, 2004, p. 31).

Com respeito à distinção entre as práticas de análise linguística e de acontecimentos discursivos, Foucault (2008, p. 30) faz a seguinte ressalva:

*O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas seqüências lingüísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser enumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda a capacidade de registro, de memória, de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito.*

Sobre esse aspecto de análise, o filósofo diz que o analista de língua faria a seguinte questão: “segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (FOUCAULT, 2008, p. 30). No entanto, essa não seria uma questão eficaz para a análise e descrição dos acontecimentos de discurso, já que o ideal seria perguntar: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p. 30). Percebemos, portanto, que tal distinção, ao se fazer a descrição, ocorre simplesmente por se estar levando em conta o fator discursivo que não se dá pela língua, mas considerando o caráter histórico das práticas discursivas.

Essa distinção é fundamental para o analista de discurso, pois, como concebe o filósofo, ao analisarmos os acontecimentos discursivos, devemos levar em conta (e tentar compreender) “o enunciado em sua singularidade histórica, determinar suas condições de existência, fixar limites, estabelecer correlações com outros enunciados a que podem estar ligado, mostrar que outras formas de enunciados exclui” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

No livro de Edgardo Castro (2009, p. 24-25) recém-publicado no Brasil, sob o título *Vocabulário de Foucault*, a noção de acontecimento aparece sob o prisma

de quatro sentidos: *ruptura histórica*, *regularidade histórica*, *atualidade* e *prática de acontecimentalização*. Após ter estudado várias obras foucaultianas em que aparece essa noção, o filósofo argentino nos diz que o acontecimento como ruptura procura dar conta da novidade histórica, refere-se ao “acontecimento arqueológico”; o segundo sentido é compreendido como regularidade das práticas discursivas que serve ao método da descrição arqueológica como objeto (por via da noção de acontecimento discursivo); no terceiro, o acontecimento é visto como relação de forças que “se transformam para inserirem-se em novas táticas e estratégias de luta”. Por fim, acontecimento também aparece, na obra do filósofo francês, como método de trabalho histórico, isto é, *acontecimentalizar*. Percebemos, pois, que esses significados mantêm certa relação porque dizem respeito a um trajeto epistemológico para se pensar as práticas de estudos das ciências da história e as formas possíveis de interpretação das práticas discursivas materializada em textos sejam verbais, imagéticos ou sincréticos.

Voltemos nossa atenção para o segundo e o terceiro sentidos – *regularidade histórica* e *atualidade* – já que muito dizem respeito a nosso objetivo. Na *Arqueologia do saber*, Foucault (2008) descreve o enunciado como um acontecimento único como todo acontecimento, mas o enunciado, entretanto, está aberto à *repetição*, à *transformação*, à *reativação*. Eis então o que o filósofo nos apresenta como essencial ao acontecimento discursivo, isto é, o caráter de repetibilidade do enunciado, cuja enunciação é sempre única, irrepitível, o que lhe dá sentido novo.

E é para esse sentido que o analista de discurso se volta para compreender as condições de emergências de determinados enunciados no conjunto das práticas discursivas. Não se trata de compreender os discursos a partir de uma ruptura histórica, novidade, atualidade, pelo conjunto de textos produzidos em série homogênea nem por meio das possibilidades de análises descrevendo a língua ou a estrutura da proposição. Sobre esse ponto, o filósofo argentino nos apresenta:

*Foucault opõe a análise discursiva em termos de acontecimento às análises que descrevem o discurso desde o ponto de vista da língua ou do sentido, da estrutura ou do sujeito. A descrição em termos de acontecimento, em lugar das condições gramaticais ou das condições de significação, leva em consideração as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado* (CASTRO, 2009, p. 25).

Já o terceiro item se faz importante para nossas reflexões e análises tendo em vista que não devemos tomar os enunciados como acontecimentos somente pela sua regularidade na emergência dos discursos, mas também nas discontinuidades dessa regularidade, o que levou a suas condições de existências e o que provocou suas transformações. Para pensar sobre esse sentido de acontecimento, Castro (2009) diz que Foucault se valeu das noções de força, luta, táticas, estratégias e também de liberdade que estão em jogo na história, e tal liberdade, na concepção foucaultiana, se dá na relação entre os sujeitos individuais e coletivos uns com os outros e entre o sujeito consigo mesmo em razão do poder exercido sobre “sujeitos livres”, isto é, aqueles “que têm diante de si um campo de possibilidade onde se possam dar muitas condutas, muitas reações e diferentes modos de comportamento” (FOUCAULT, 1994 apud CASTRO, 2009, p. 246-247)<sup>1</sup>.

Percebemos, portanto, que esses dois sentidos de acontecimento são cruciais para a concepção de enunciado a que aqui nos referimos, haja vista que, por um lado, ele mantém um caráter regular e repetível em relação a uma infinidade de enunciados já produzidos numa dada formação discursiva e, por outro, está sempre aberto a atualização num processo de filiação com vários novos mas também de conflitos, embates, resistências. Isso faz que os sentidos se dissolvam e se estabilizem na enunciação produzindo novos efeitos na formulação do enunciado.

A definição de enunciado foucaultiano, de acordo com Courtine (2009, p. 86), obedece a quatro propriedades que delimitam sua “função de existência”, a “função enunciativa”: 1. está ligado a um referencial; 2. mantém com o sujeito certa relação; 3. tem um domínio associado; e 4. apresenta uma existência material.

Para melhor explicitarmos esta reflexão, passemos a uma breve leitura de uma imagem sincrética (Figura 1) a partir da qual outros enunciados passaram a circular em jornais, revistas e internet. Trata-se de uma das dez *imagens de advertência* produzidas pelo Ministério da Saúde (MS) para uma campanha de combate ao uso do tabaco. Essas imagens aparecem nas embalagens de cigarro e têm como objetivo principal “reduzir o consumo de tabaco, responsável por 200 mil mortes por ano no Brasil” (BRASIL, 2010).



**Figura 1** – Campanha de combate ao uso do tabaco (BRASIL, 2010).

Como percebemos, na Figura 1, a imagem é composta por quatro materialidades semiológicas: uma fotografia de um cigarro em cinzas em quase sua totalidade da extensão; o símbolo do *Disque Pare de Fumar* acompanhado ao número de chamada (0800 703 7033) no quadrante inferior direito; um fundo preto padronizado pelo MS compoendo a parte superior desta fotografia com o enunciado verbal: “O Ministério da Saúde adverte: Fumar causa impotência sexual”.

Ao retomarmos os conceitos apresentados por Foucault, e que trazemos para este trabalho, podemos pensar sobre o conjunto dessa imagem como um acontecimento discursivo tendo em vista seu aparecimento e circulação associados a outros acontecimentos que fazem parte de uma dada formação discursiva, nesse caso, a campanha de combate ao uso do cigarro. Pensar as condições de emergências desse enunciado e saber o que o levou a aparecer e não outro em seu lugar é primordial no trabalho do analista que leva em consideração o enunciado como acontecimento de discurso. Logo, esse enunciado se inscreve no discurso sobre a saúde, o discurso médico, circunscrito a uma rede de outros enunciados de mesma regra de formação, não permitindo que enunciados verbais como “O Ministério da Saúde adverte: Fumar contribui para o aquecimento global” circulem, por exemplo.

A repetição é uma condição do enunciado, o que não significa que seu sentido seja idêntico, diga a mesma coisa. Como destacou Pêcheux (2008, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível a tornar-se outro, diferente de si, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, ele está sempre passível à interpretação. Nesse processo de interpretação do analista de discurso, os enunciados voltam a se repetir, a significar diferentemente daquele que lhe deu origem, mas sempre em relação aos já-ditos... eis o caráter constitutivo dos enunciados: repetem-se, mas nunca são os mesmos.

Para melhor visualizarmos como a charge se apresenta, descrevemô-la. O texto é constituído por uma materialidade semiológica imagética em formato de desenho e um balão em que aparece um enunciado linguístico escrito em caixa alta (Aproveite que ‘o teu charuto apagou’ e pare de fumar). A cena revela um casal na cama simulando uma situação íntima em que se imagina haver uma tentativa de relação sexual. Do lado esquerdo da cama, está deitado um homem com expressão cabisbaixa, corpo magro traços faciais de quem está triste, envergonhado; do outro lado, está uma mulher de seios fartos, imponente, aparentemente furiosa, cuja expressão sugere um comportamento de desapontamento, decepção e, ao mesmo tempo, repressora.

Já na segunda imagem, percebemos a retomada do mesmo enunciado verbal da campanha – Fumar causa impotência sexual, contudo o efeito de sentido é bastante distinto do primeiro, haja vista que é a enunciação que confere ao enunciado “o novo”, o inédito, o jamais dito. Daí porque “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”, como destaca Foucault (2001, p. 26). Abrindo um parêntese para essa noção de efeito de sentido – e não como sentido estabilizado –, filiamo-nos ao entendimento de Possenti (2001, p. 48) quando defende que

*[...] para a AD o sentido não pode ser produzido pela enunciação de um texto no momento mesmo de sua enunciação – ao contrário, ela só terá sentido na medida em que se inscrever num discurso que lhe é necessariamente anterior.*

Por sua vez, enquanto o primeiro texto adquire um caráter pedagógico como objetivo principal, o segundo reserva essa função (também instrutiva) a um plano menos destacado já que o objetivo principal – dadas as condições de produção do discurso da charge – é promover o riso como um dos efeitos de sentido. Vale destacar que o *blog* é o lugar em que esse texto passou a circular (ART & COMPANY, 2010). Logo, os signos verbais “fumar”, “impotência sexual”, em relação ao enunciado “Aproveite que ‘o teu charuto apagou’ e pare de fumar”, e os signos não verbais, caracterizando uma cena íntima de um casal frustrado por não ter tido êxito na relação sexual, produzem o efeito cômico do texto. Enquanto a represen-

tação do cigarro cuja ponta em cinzas virada à direita e associada ao sintagma IMPOTÊNCIA SEXUAL rememora a imagem fálica no texto que deu origem ao segundo, a representação masculina é traduzida por um homem magro, frágil, de rosto avermelhado denotando decepção/vergonha, ao lado de uma mulher saudável, forte e de seios fartos. É importante ressaltar que a figura masculina aparece como um ser passivo ao lado de uma mulher saudável, ativa, além de autoritária, haja vista que, tendo posse da palavra, faz uso de verbos no imperativo por meio dos quais se presume um conselho ordenado, uma certa imposição, dadas as circunstâncias representadas na cena. Já a expressão “o teu charuto apagou” traz as palavras “charuto e apagou” com efeito metafórico para pênis e perder a ereção, o que sustenta a orientação imediata do conselho/imposição.

Quando, portanto, analisamos o discurso a partir desses enunciados, levamos em conta o verbal e o não verbal não como produtos fixos, estabilizados e iminentes como podem pensar, mas como postos em funcionamentos por conta do lugar de circulação, o pertencimento a dada formação discursiva e os sujeitos envolvidos como constitutivos de atividades sócio-históricas e ideológicas (FERNANDES, 2008). *Charuto e apagou* significam de outro modo, rompendo com os sentidos “literais”, pois estão associados, na cena em que aparecem, a conceitos recorrentes na sociedade *em que e para a qual o charuto adquire representação fálica e apagar conota “broxar”, negar a virilidade, perder a potência sexual*. Tais interpretações são possíveis em razão do processo intra e interdiscursivo inerente à materialidade do enunciado (COURTINE, 2006, 2009).

A breve análise desses dois textos sincréticos, à luz foucautiana, serviu-nos para compreender a noção de enunciado como acontecimento discursivo aberto à repetição dentro de um mesmo tema, mas significando diferentemente em razão da materialidade do discurso e sua inscrição numa ordem do enunciar no acontecimento de discurso. Passemos então à noção de enunciado conforme postulado pelo filósofo francês, avaliando sua pertinência na análise desta modalidade de texto.

### **Contribuição da noção de enunciado para análise do texto multimodal**

A Figura 2 é um recorte da trigésima questão do segundo caderno de provas do Enem 2009. A partir desse recorte e auxiliados pelo referencial teórico-metodológico que adotamos, analisaremos como acontecimento discursivo o aparecimento desse enunciado “O Ministério da Saúde Adverte: X”. Nessa perspectiva de abordagem, “X” adquire diferentes sentidos, já que a estrutura e o acontecimento intercambiam com saberes que circulam em distintas formações discursivas, e, ao mesmo tempo, produzem um novo saber coletivo nesse recorte sobre o uso do cigarro, ao passo que acabam apagando outros de mesma regra de formação em detrimento da elaboração da questão da prova.

A saber: o MS divulgou em 22 de outubro de 2003, em seu portal<sup>2</sup>, as dez imagens que deveriam ser adotadas pelas indústrias de fabricação de cigarro

2 Consta do portal do MS um texto de apresentação das imagens sob o título “Maços de cigarro terão imagens mais fortes” em que destacamos o primeiro parágrafo: “O Ministério da Saúde apresentou dia 22/10, em Brasília, as novas imagens de advertência que deverão ser impressas nas embalagens de cigarro, com base em resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que foi publicada no dia 24 de outubro. As novas ilustrações, entre as quais a de um homem com as pernas amputadas, são bem mais impactantes e estarão acompanhadas de frases com alertas [...] sobre os danos do tabagismo à saúde dos fumantes e até das crianças. O objetivo da medida é reduzir o consumo de tabaco, responsável por 200 mil mortes por ano no Brasil” (BRASIL, 2010).

juntamente com as respectivas frases, além do texto da medida que faz restrições de informações que deveriam (ou não) acompanhar as embalagens. No dia 10 de novembro de 2007, um internauta (autodefinido como ex-fumante) publicou em seu blog (CAFÉ SEM FUMAÇA, 2009) o conjunto das dez imagens (Figura 3) para “ilustrar” seu texto em que destaca a ineficácia dessas imagens na vida do fumante. Foi a partir desse conjunto que o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) elaborou a trigésima questão da prova do Enem 2009.



Figura 2 – Texto modificado pelo Inep.



Figura 3 – Imagem do blog *Café Sem Fumaça*.

O Inep teve acesso ao blog *Café Sem Fumaça* em 10 de abril de 2009 e adaptou o conjunto dessas imagens para atender aos objetivos da questão. Logo, a

instituição excluiu quatro delas, levando em conta apenas seis imagens de advertência que apresentavam a relação direta entre o uso do cigarro e os problemas do aparelho respiratório, e apagou as cores originais dos textos, deixando-os em preto e branco. Ocorreu também a supressão de textos de mesma categoria sobre o tema da *impotência sexual, necrose, aborto espontâneo e doença vascular*, já que esses conceitos não estariam diretamente relacionados às questões respiratórias como delimitou o Instituto.

### NAS PROVAS DO ENEM 2009: “O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE”

**Questão 30**

As imagens seguintes fazem parte de uma campanha do Ministério da Saúde contra o tabagismo.

O emprego dos recursos verbais e não-verbais nesse gênero textual adota como uma das estratégias persuasivas

(A) evidenciar a inutilidade terapêutica do cigarro.  
 (B) indicar a utilidade do cigarro como pesticida contra ratos e baratas.  
 (C) apontar para o descaso do Ministério da Saúde com a população infantil.  
 (D) mostrar a relação direta entre o uso do cigarro e o aparecimento de problemas no aparelho respiratório.  
 (E) indicar que os que mais sofrem as consequências do tabagismo são os fumantes ativos, ou seja, aqueles que fazem o uso direto do cigarro.

ENEM 2009

Disponível em: <http://www.cafesemfumo.blogspot.com>. Acesso em: 10 abr. 2009. (adaptado).

Figura 4 – Questão 30, caderno 2 (Enem 2009).

Para uma análise interpretativa da questão 30 (Figura 4), o Enem exigiu do candidato uma leitura dos “recursos verbais e não verbais nesse gênero textual” capaz de responder à questão tomando como alternativa verdadeira aquela que representa umas das estratégias persuasivas adotadas. É como se quisesse dele o destaque do objetivo principal do conjunto de textos apresentado já que a questão não avalia o processo descritivo do texto, mas a exclusão de quatro alternativas “incorretas” e a escolha de uma “verdadeira”, como dissemos. Aqui a instituição avaliadora traz alguns conceitos como *imagens, gênero textual, recursos verbais e não verbais, estratégias persuasivas (persuasão)*, campanhas publicitárias, a fim de que o aluno egresso do Ensino Médio faça uso dos conhecimentos adquiridos na educação básica para solucionar um problema de linguagem. Não basta, portanto, expressar domínio desses conhecimentos, é preciso apresentar habilidades para resolvê-lo mediante os conceitos empreendidos no curso de sua formação básica<sup>3</sup>.

3 *Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* que acompanha o *Manual do Inscrito 2009* do Enem traz um conjunto de nove competências de áreas, dentre as quais a área 7 espera que o aluno/candidato possa “Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas” (p. 2). Para tanto, ele deve apresentar três habilidade: “H21 – Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos; H22 – Relacionar em diferentes textos, opiniões, temas assuntos e recursos linguísticos; H23 – Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados” (p. 2).

Percebemos que o conjunto dos seis textos adaptados para essa questão é reduzido à noção de imagem apenas, apagando o seu caráter sincrético que produz um sentido distinto do qual viesse sem os enunciados verbais, por exemplo: “O Ministério da Saúde adverte: Em gestantes, fumar provoca abortos prematuros e o nascimento de crianças com o peso abaixo do normal”, evidenciando somente a imagem do bebê prematuro sobre a maca. Voltemos a nossa atenção à questão em que aparece o comando “As imagens seguintes fazem parte de uma campanha do Ministério da Saúde contra o tabagismo”. Percebemos, pois, que a referida campanha não é produzida com apenas uma única linguagem, mas por meio do sincretismo entre ícone e signo linguístico. Não se trata de um texto somente verbal nem não verbal apenas; trata-se de um texto constituído por essa relação entre ambas as linguagens. Vale ressaltar que não estamos aqui discutindo a formulação da questão pelo Inep, muito menos valorando-a, já que não é nosso objetivo; queremos, no entanto, compreender as formas de significação desse texto considerando seu caráter sincrético, a teoria envolvida, os modos de abordagens e a possível leitura via essa especificidade da materialidade.

Ao deparar com essa questão, em potencial o aluno/candidato precisa, de antemão, saber que apenas uma resposta é possível, é verdadeira, pois, antes da realização dessa prova, coube à escola orientá-lo quanto aos critérios, bem como o próprio manual do candidato ao Enem que o adverte: *apenas uma única resposta deve ser marcada no gabarito*. Por sua vez, espera-se dele: 1. não fazer uma leitura levando em conta apenas uma particularidade do texto para a compreensão da totalidade mas o que há em comum no conjunto de enunciados; 2. reconhecer e distinguir linguagens verbal e não verbal; 3. usar de seus conhecimentos (as vivências de mundo, experiências e domínio de conceitos adquiridos na escola) para excluir as “erradas” e destacar aquela que o Inep estabeleceu como “certa” (alternativa D: *mostrar a relação direta entre o uso do cigarro e o aparecimento de problemas no aparelho respiratório*).

Nesse processo de interpretação, as alternativas erradas são excluídas por não atenderem a certas regras autorizadas tanto por um conjunto de saberes quanto pela logística do exame que não autoriza mais de uma resposta correta. Porém, o candidato poderia evidenciar a alternativa E como sendo também verdadeira, haja vista que (se lido o texto pela evidência) o gênero textual em questão pode adotar como estratégia persuasiva “*indicar que os que mais sofrem as consequências do tabagismo são os fumantes ativos, ou seja, aqueles que fazem uso direto do cigarro*”. Obviamente as crianças não são fumantes ativos, portanto não fazem uso direto do tabaco; contudo, faz parte do saber cultural e escolar do aluno que mesmo estando em relação indireta ao consumo do cigarro, as pessoas estão sujeitas às consequências provocadas pelo produto. Mas isso não está na evidência do conjunto das imagens.

Outro problema que carece de nossa atenção: sobre a imagem em que o enunciado verbal “O Ministério da Saúde adverte: Fumar causa câncer de boca e perda dos dentes” aparece, o candidato poderia perguntar: qual a relação entre câncer de boca, perda dos dentes e *aparecimento de problemas respiratório*? Tal resposta não está posta na imagem, mas no conjunto de saberes adquiridos por ele a respeito dos quais a boca corresponde a um dos órgãos que compõem o sistema respiratório, portanto interfere nesse sistema caso apresente alguma complicação. Percebemos que tais interpretações dependem tanto da organiza-

ção estrutural do texto quanto de sua relação com saberes outros, exteriores a essa materialidade. Isso possibilita uma leitura por parte do professor e do aluno que não se dá na imanência dos discursos, visto que tanto o sentido da imagem quanto da língua e de sua relação com a primeira não devem ser tomados pela evidência. A imagem não significa a mesma coisa em todos os lugares e ao mesmo tempo, mas, como todo enunciado, adquire sentidos a partir da formação discursiva a que está vinculada e em relação aos sujeitos na historicidade. É por conta da repetibilidade do que já foi posto em circulação em momentos outros, haver certa regularidade em função desse dito-mostrado e ser, ao mesmo tempo, descontínuo que tais enunciados se atualizam no acontecimento de discurso.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos no decorrer de nossas análises, mesmo que ainda feitas de modo que careçam de reflexões mais aprofundadas, que os sentidos dos textos são manifestados tanto pela organização interna da materialidade semiológica quanto pela enunciabilidade dos discursos. A leitura e a interpretação do texto sincrético numa perspectiva do acontecimento discurso e da noção de enunciado, como condição material desse acontecimento, devem ser feitas levando em conta a inserção desses textos em uma ordem de funcionamento – jamais tomado seu sentido como evidente. Se para a primeira noção é imprescindível a concepção de enunciado muito mais ampla e eficaz ao analista do que as práticas de análise de frase, proposição ou *speech act* (FOUCAULT, 2008), a noção de enunciado é primordial para compreender os discursos inscritos na formação discursiva em que o uso do cigarro está posto como embates entre a permissão e a proibição, entre os discursos médicos filiados ao discurso de uma política da e sobre a saúde e as práticas fumageiras de pessoas que ainda resistem às campanhas de prevenção e educação contra os males do cigarro.

Voltando às quatro propriedades para a definição de enunciado, conforme destacou Courtine (2009), podemos chegar a algumas conclusões acerca da questão elaborada pelo Enem: 1. o conjunto de textos sincréticos adotado no exame tem por referencial, que possibilitou sua emergência de aparição, um saber sobre os cuidados com a saúde e, em contrapartida, um saber sobre os riscos provocados pelo tabaco, entre outras drogas no Brasil nos últimos anos; 2. tal enunciado ser posto em funcionamento e significar a partir da posição-sujeito, o que não se confunde com o falante, com o autor da campanha nem com o Ministério da Saúde; 3. estar associado a outros discursos já ditos tanto pelas instituições políticas governamentais quanto em formas de saberes de sujeitos anônimos; 4. estar materializado em forma de imagens e consonância com a materialidade linguística como “O Ministério da Saúde adverte: X”.

Percebemos também que o professor que ensine aos alunos a interpretar o texto – seja ele verbal ou sincrético – a partir de uma abordagem semiológica e discursiva ao mesmo tempo, mostrando-lhes as possibilidade de leitura e a variedade de sentido, pode levá-los a aumentar suas dúvidas sobre aquelas questões que exijam apenas uma única resposta verdadeira numa lista de cinco ou mais alternativas. Eis o risco desse tipo de questão. Nesse sentido, poderemos pensar que quanto mais se sofisticada a leitura e desvenda a complexidade

do texto, mais se percebe que as formas de avaliação dos saberes carecem de repensar leitura de textos não pela obviedade, mas a partir da noção de enunciado conforme tratamos ao longo deste artigo, o que carece de pesquisas que venham a ajudar teórica e metodologicamente o professor e o aluno. Logo, ensinar aos alunos – em seus diferentes níveis de formação e respeitando suas limitações – a ler e interpretar textos imagéticos por essa óptica será um grande passo para se deixar de olhar para a imagem como mera ilustração ou representação real do mundo, do mesmo modo que muitos ainda acreditam que a língua o faça.

## REFERÊNCIAS

ART & COMPANY. Blog. Disponível em: <<http://artandcompanycartoon.blogspot.com/2009/07/resultado-do-i-concurso-de-desenhos.html>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portal da Saúde*. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=16822](http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=16822)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

CAFÉ SEM FUMAÇA. Blog. Disponível em: <<http://cafesemfumo.blogspot.com>>. Acesso em: 5 nov. 2009.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COURTINE, J.-J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Tradução Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Supervisão de tradução Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. São Carlos: UFSCar, 2009.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, M. R. V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 23-44.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 21-26.

POSSENTI, S. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 45-59.

SARGENTINI, V. M. O. A construção da análise do discurso: percurso histórico. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 39-44, jul. 1999.

SANTOS, J. R.; SARGENTINI, V. M. O. Discursive event and utterance: dispositive of syncretism text analysis in the language teaching. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 84-97, 2011.

*Abstract: This article is the result of researches into the relationship between verbal and nonverbal language in national exams in the light of French Discourse Analysis theory. The aim is to discuss the relevance of discursive event and utterance concepts proposed by Michel Foucault (2008), evaluating their contribution to language studies within the multimodal discourse studies. Moreover, we situate our studies of linguistic and syncretic materiality according to the discourse notion of discourse, discursive memory and interdiscourse based on Courtine (2006, 2009).*

*Keywords: discursive event; utterance; multimodality.*